

Redacção, Administração e Proprietária
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA—Telf. 5 Cete

Director e Editor
PADRE AMÉRICO

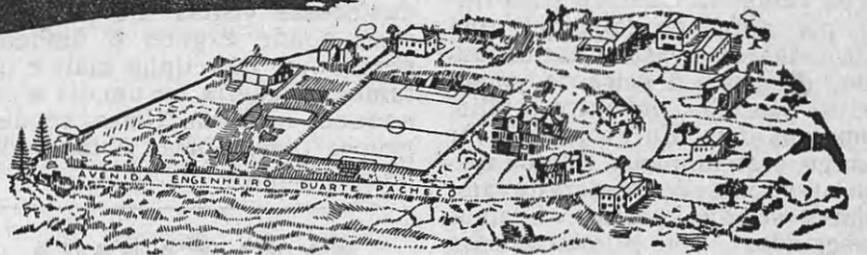
AVENÇA

Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Vales do Correio para CETE



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—190
Preço 1\$00

CONTRASTES



DANTES. *A Sociedade está doente; ninguém me diga que não. Está doente, sim senhor. Perdeu a sensibilidade. Próquê, veja-se o aspecto desta toca, aonde vivem duas pequenas famílias. E por aí fora existem delas e delas e delas. Ora muito bem. Nós vamos remediar. Vamos construir. Por mais incrível que isso pareça, são elas, as tocas, que vão oferecer as duzias de contos necessários. Porquê? Porque são habitadas por necessidade. Moram ali, à força, homens da espécie humana. Eis a fonte.*

○ Inverno passado, como bem nos recordamos, foi muito rigoroso. Num desses dias, resolvi dar uma volta pelos casebres destes sítios. Entrei num desses por me parecer ameaçar ruína, de torto que era. Entrei a medo. Os seus habitantes notam susto na minha cara e acudiram: *Não tenha medo. Entre e esteja sem medo que Deus defende-nos.* O vento assobiava pelas frinças das tábuas. O chão estava encharcado da chuva. Na lareira havia cinzas e uma panela vazia. Há três dias que não faziam caldo *por não termos os arranjos*, segundo me disse a dona de casa. Pois bem, no meio de uma tão grande desolação, levanta-se a voz do pobre, que é um hino de confiança: *Não tenha medo que Deus defende-nos.* Saí da porta consolado, não, certamente, do que tenha visto mas sim pelo que ouvi. *Deus defende-nos.* E isto é verdade. Deus defende os seus pobres e também nos defende a nós na medida em que deles curamos. Ninguém tenha dúvidas a este respeito, os nossos verdadeiros amigos são os pobres. Dito do indivíduo, dito dos povos. Aquela nação que põe na primeira página, para realizar, o problema dos pobres, tem



AGORA. *Ei-las aqui a falar ao coração da gente, na beleza da sua pedra nua e dum pensamento sublime, porque do Evangelho. Só a Pobreza é capaz de um tal empreendimento. Os homens a quem Deus dá a força da Renúncia vão muito longe. Nós estamos preparados e resolvidos a erguer cem casas semelhantes a esta. São os tempos que o exigem. No Porto há cem homens... O Porto é capaz de se contentar com as tripas, havendo necessidade de dar a outros a carne limpa.*

necessariamente de ser próspera e fazer o seu povo feliz. Porquê? Porque Deus a defende. Ora eis.

O remédio dos Barredos, só pode ser aplicado, naturalmente, por altos poderes, com força de decretos e de leis. Sim, naqueles lugares não vale de nada iniciativa particular.

Porém, nos campos e nos montes aonde se não põe o problema do espaço, quem quer pode levantar uma casinha para um pobre. E vão-se levantar por esta forma, em muitas províncias da nossa Pátria, muitas casas semelhantes, fiquem sabendo os senhores que isto que lhes digo aqui é uma verdade. Começam já a chegar às minhas mãos cartas de longes terras, de párcos de freguesias, que me tratam por *meu irmão em Cristo*, e pedem esclarecimentos. Eu escrevo na volta e dou-os todos. Os senhores fiquem certos desta verdade que lhes digo. Esta meia dúzia de casas, é o início duma profunda e frutuosa revolução. Tempo virá em que há-de parecer muito mal de ouvir dizer que os nossos antepassados deixavam que o seu semelhante morasse em cortelhas de animais. Isto será o espanto do futuro. Então se há-de deplorar a nossa preguiça de hoje. O nosso desmazelo. O nosso comodismo. A nossa falta de amor do próximo e de Deus.

Campanha dos cinquenta mil

Nesta altura da campanha, conta-se já, por alguns milhares os que pela primeira vez estão tomando contacto com os nossos usos e costumes. E como nós somos às avessas de tudo quanto por aí se faz e diz, queiram Vocelencias notar que nós não fazemos preço, não fazemos cobrança, aceitamos tudo, não pedimos nada. Sendo certo que a maioria dos novos assinantes está-se explicando adiantadamente, também é certo que outros não; ora é justamente para estes que aqui se deixa o recado.

Nós não acreditamos que alguém exponha a sua consciencia, a remorsos desnecessários.

Seria um grave risco para qualquer leitor, levantar-se da cama e lembrar-se de não ter ainda mandado o seu cheque, ou vale do correio ou, de qualquer maneira, a sua colaboração; seria um grave risco. Nós não somos aquela Instituição que vive pelos seus meios e dentro das suas regras; somos, antes, uma grande família sem uma coisa nem outra, aonde muitos e muitos se acolhem. Nós somos o telhado das andorinhas. Os senhores vejam bem!

Meditem bem; e cumpra cada um o seu dever. Os nossos rapazes também cumprem.

Uma coisa muito boa é o Brasil. Os nossos compatriotas que ali moram, são muitíssimo eloquentes. Ora escutem:

«Avelino e Júlio»

Quero ser dos primeiros a ouvir o vosso apelo. Ai vão seis nomes de novos assinantes. São boa terra e, oxalá, a semente de «O Gaiato» produza, deles, ótima seara. Um abraço para o Pai Américo; um mundo de coisas a dizer-lhe mas... nada de palavras! Acção e mais acções!»

São assinantes novos e dinheirinho à frente. Há deles que se explicam com mil cruzeiros. Assim sim.

Nós esperamos muito, até se nos afigura que, pela frequente leitura do jornal, havemos de receber muitas casas. Duzias de casas. Não é necessário ir ó cambio negro. Que nome! Nem as casas ficariam bonitas! Então quê? Como de lá estão sempre a vir amigos, que tragam cruzeiros. Cruzeirinhos.

BARREDO

VENHO agora mesmo de lá; melhor, vimos, porque o Júlio também foi. Eu tinha celebrado na igreja dos Congregados e depois fui ao Imperial pelo café e depois fui ao cambista Cândido Dias trocar por notas de Portugal uma data delas do Brasil e assim munido, dirigi-me à beira rio, quando, no caminho, encontro o Júlio. Fomos os dois. Eu gosto de levar comigo testemunhas. Era de manhã. Os passeios regorgitavam. Olhava-se das portas. Eramos perseguidos. Na primeira casa aonde entramos, ela é a doente e o marido estava ao pé. Acabaram-se-lhe os nove meses da Previdência e a conferência de S. Vicente de Paulo, fala-lhe semanalmente, com 6\$00.

É uma visita farta e consoladora. Isto também é das senhoras da conferência, e apontava um chambre de flanela verde com que se cobria. Eu só tenho ossos e enquanto dizia, preparava-se para me mostrar o corpo. E eu disse-lhe que não, por amor do Júlio ali presente.

Estes meus rapazes são dum mundo novo; duma doutrina nova. Estão cheios de sangue e de vida. Não quero que eles vejam ossos. Despedimo-nos. O marido, ainda novo, acompanhou-nos até à porta. Um nadinha abaixo sai-nos uma mulher a pedir que entrassemos em sua casa. Não era bem por ela, mas tinha recolhido uma rapariga que ontem chegara da maternidade e queria que eu a fosse ver. Fui. Entramos todos e daí a nada, Júlio sai pela porta fora com as mãos no nariz... Eu não. Eu ando afeito. Desde Julho do ano 1929, em que me tornei sacerdote, nunca mais deixei de frequentar e servir o quinhão que Deus me destinou pela sua misericórdia. Ouvi-se a voz da recém-mãe e os gritos do filho; mas não se enxergava uma coisa nem outra, pela escuridão. Demorei-me alguns minutos. Soube que pagava de renda 10 tostões por dia e que uma vizinha lhe dava todos os dias um cantarinho de água. Fora, na alcova, era uma sala espaçosa, com muitos catres em pé. Num dormia um velho. Noutros estavam crianças. Soube que os espaços aonde as camas estão, são alugados por um tanto e ao dia, às pessoas que os requerem. Isto é o Barredo.

Saf. Dantes, em Coimbra, andava sempre munido dum frasco de alcohol e à saída de lugares assim, esfregava as mãos e a cara e a cabeça. Agora não. Agora estou cansado e não se me dá de acabar. Ando morto por morrer. Quando aqui há tempos soube da morte do Padre Flanagan, pousei o jornal e fiquei a cismar e a cismar e a cismar. Quanto não teria aquele homem sofrido! Ele já se foi e eu ainda por cá ando... Júlio estava no mesmo sítio. Deu-me o braço. Caminhávamos juntos. Entramos noutras casas do mesmo estilo. O rapaz, fulgurante como é, ia-me dizendo que os senhores que fazem discursos acerca do que está feito, haviam de pisar e cheirar estes caminhos,

para serem mais sóbrios e mais humildes. Eram onze horas. Júlio foi dar voltas e eu também. Era uma da tarde quando nos sentamos a comer e pouco depois, estávamos em Paço de Sousa. Júlio, instalado no *Another*, não se cansava de lembrar e relembrar o que naquela manhã ouvira, em uma das nossas visitas. Foi assim: na casa aonde exgotei o dinheiro, gemi que não tinha mais e que também poderia vir um dia a cair naquela miséria. Nisto acode o grupo: *Não, padre. Nunca. Nós não deixamos!*

AGORA

AGORA vai um com 500\$00 que, só sei tratar-se de um sacerdote por ele, na carta, assinar-se *um seu colega*. Dentro da mesma carta, vinha outro tanto para outros fins. Mais 500 para a secção *Agora*. Uma família de Vila de Rei declarou que também deseja contribuir para o *Património dos Pobres*, e manda 500\$00. Como gosto desta designação—*Património dos Pobres!* Vai aqui um de Coimbra com 150\$00 tirados ao seu primeiro ordenado. Ele haverá quem se não ajoelhe ao passar desta segunda procissão?! Rio-Tinto incorpora-se com 400\$00; é um Empreiteiro de Obras.

Deus lhe dê sempre muito que fazer. Vai um com 50\$00 que soube esconder a mão ao dizer *para as casas dos nossos muito amados e senhores pobres, que ninguém é digno de servir*. Grandes palavras, grande conceito! Felizes os que têm ouvidos e intelectual! A seguir vai um do Porto com igual quantia. Logo atrás, um de Lisboa com trinta. Ao lado um de Vila Viçosa na mesma. Agora um do Porto com 120. *A Maria atribulada* não se segura em casa e vai aqui com vinte. E a Zulmira da Marinha das Ondas, leva na mão uma telha, 20\$00. A Maria de Mação leva uma pedra, 20\$00. A Maria Lucília do Porto vai com 120\$00. Um de Anadia vai com 50\$00 e diz coisas bonitas acerca da sua terra... Vila Meã apresenta-se com 100\$00. O Porto idem. Outra vez o Porto. Ainda o Porto. Sempre o Porto. No coice de hoje vai esta carta maravilhosa. Tenho muito prazer e até sinto necessidade de a publicar. Por aqui se vê que não sou só eu: outros também sabem sentir e dizer. Dizer e chorar. Chorar e dar.

Ai vai a 2.ª prestação 3 contos para uma casinha para pobres. Fico a dever oito deles, que espero pagar, assim como o mobiliário, roupas, etc.

Quem alguma vez entrou nas casas dos miseráveis—não digo dos pobres—tem de saber que é esta a sua mais bela iniciativa, porque a mais urgente e instante de quantas venham a fazer-se.

Nós, os que vivemos em casas boas, confortáveis e não nos lembramos dos nossos irmãos que vivem ao nosso lado num buraco mal coberto de latas, em piores condições do que os nossos porcos e as nossas galinhas, não somos, não podemos ser cristãos, seguidores de Cristo...

Sinto que o não sou e por isso, o meio material em que vivo, tão cheio de conforto, faz-me remorsos pungentes.

Que Deus me perdoe.

Ficamos em 55.460\$00



Aqui,
LISBOA!

VISITANTES

Esta casa, por estar perto de Lisboa, começa a atrair as atenções dos estrangeiros que visitam a Capital.

Temo-los visto aí, da França, do Brasil e da Inglaterra. Uns passam palavra aos outros e o número vai crescendo.

Há tempos era um Senhor inglês, Gerente duma companhia de Seguros. Viu tudo, deixou libras e uma garrafa do *Porto* que não pode levar consigo no avião — *é para a Casa do Gaiato*, declarou.

Guardamo-la para a primeira oportunidade que surgiu há dias. Eram quatro ingleses que ele mesmo catequisou: *Vejam Cintra, Mafra mas não deixem de ver os Rapazes do Padre Américo*. E eles assim fizeram. Viram. Beberam do *Porto*, disseram coisas em inglês que não percebi, e deixaram 1.100\$ — sinal de que também em inglês se pode falar bem do Amor do Próximo. E são protestantes...

MAIS AMIGOS

O Octávio viu abrir-se diante de si mais uma porta. E' a da Capitania do Porto de Lisboa.

Não sei quem o encontrou. Fosse ele um dos muitos farrapilhas e ninguém o teria visto.

Esse senhor, quem quer que seja, tem de ser cristão, ao menos no seu coração, e um dos muitos que pertencem, sem o saberem, à *alma da Igreja*.

Deu-se ele ao trabalho de acompanhar o Octávio de secção em secção, alegrando-se e doendo-se também conforme o pequeno era acolhido. «Olha, ali aqueles dois são católicos. Vamos a ver como te recebem.»

Os ditos senhores recusaram o jornal.

«Vês, como os católicos são? E' por isso que eu o não sou.»

Isto contou-me o Octávio, lamentando por palavras suas o sucedido.

Nem louvo a doutrina daqueles ingleses, nem condeno o procedimento dos nossos conterrâneos, mas às vezes poderíamos ser mais coerentes com a doutrina que dizemos professar. Só teríamos a lucrar em carácter e prestígio.

MAIS RAPAZES

Grande dificuldade tem sido a escolha dos mais necessitados para virem ocupar as vagas dos que passaram ao Casal Agrícola. O número dos necessitados é legião. Veio um filho duma professora, que é a analfabeta. A mãe anda 2 dias, a esfregar casas. Que prudente não é aquele conselho do Evangelho: *quem está de pé, veja, não caia!*... Se caíem os cedros do Líbano, como não hão-de cair as canas agitadas pelo vento?

Vieram dois escorraçados que dormiam em portais da cidade. Um deles fugido à policia, outro ao padrasto. Quando a dona da casa deu pelo intruso noturno e o queria recolher, ele gritava espavorido—*isto aqui é a esquadra, eu não quero entrar*.

O terror que se apodera destas crianças! Em cada homem vêm um agente; em cada porta — um calhaboço... Não podem ter sono tranquilo, nem amor por uma sociedade qualquer que ela seja.

Agora pensam doutra maneira. Ainda há pouco, surpreendi a conversa de dois destes rapazes. Um dizia assim:

— Eu não podia ver a minha mãe... Eu fugia-lhe, eu... eu... eu...

O outro, o tal das portas, repreendia-o:

— Eh pá, eu não posso ouvir isso! Uma mãe, é sempre mãe! Eu nunca disse mal da minha mãe. Cala-te! Cala-te!

Veio ainda mais um, de cinco anos.

Quando a infeliz mãe o pousou no chão, fugiu-lhe imediatamente para ir brincar com os outros. Não quis despedir-se. Nem uma lágrima. Chora, se lhe dizem que vai embora.

E' um anjo de beleza e inocência. Ontem veio ter comigo fazer-me um grande pedido. Nos olhos da criança lia-se a angústia:

— O' meu Senhor, não me mande para o carro do lixo, não?

Era a ameaça que ouvia da mãe. A infeliz, doente, sem trabalho nem casa, nem pão, queria desaparecer da face da terra com o filho.

Chorei com a súplica da angélica criança e dei graças a Deus por poder ser útil a tantos filhos seus.

P.º ADRIANO



Aqui é Paço de Sousa; é uma porca creadeira, e é o Justino a fazer-lhe festas; e ela muito contente.

PROPAGAI

«O GAIATO»

Angariando novos assinantes

PORTO Um pouco afastado desta crónica a que estão todos os leitores já habituados, a qual não tem sido publicada para dar lugar a que outras Conferências das Nossas Casas falem. Venho hoje recomendar dando contas da actividade da Nossa Conferência desde 28 de Fevereiro do ano de 1950 até ao fim do mesmo ano; dando contas pela estatística que enviamos ao conselho particular.

Recebemos 3.634\$50 e gastamos 3.037\$00. Hospitalizamos um pobre, empregamos dois, demos mais de 100 peças de roupa e levamos a cumprir deveres religiosos 6.

Isto fora medicamentos, camas completas e móveis que nos deram e que demos aos pobres mais necessitados. Pagamos rendas de casa a vários pobres e tiramos-lhes diversas peças de roupa que eles tinham no prego.

Temos 38 subscritores e doze pobres. Temos dado a cada pobre a esmola de 10\$00, 15\$00 e 20\$00 por semana, isto é, conforme a necessidade de cada um.

Estes pobres são efectivos, porque no Barredo, por ordem do nosso Pai Américo, damos esmolas a muitos mais. Vamos fazer para que o número de pobres aumente cada vez mais, sendo para já o nosso desejo de socorrermos 20.

Este ano recebemos um donativo de 5.000\$00 para os pobres, deixado no Espelho da Moda por pessoa que não divulgou o seu nome. Três dos cinco contos que recebemos já gastamos nós em receitas médicas, alugueis de casas e na esmolas por semana aos nossos pobres. Gastamos por mês 800\$00 a 1.000\$00. Os bilhetes de prego aparecem todas as semanas pois eles têm que arranjar dinheiro para comerem, pela semana adiante.

Entraram para a nossa Conferência mais quatro pobres sendo eles:

Um da Lapa, um do Barredo e dois da Rua Escura.

O pobre da Lapa, está há quatro anos de cama, o qual tem em sua mulher o sustento da casa. Ela ganha 120\$00 por mês, ganhando mais alguma coisa em biscoitos que faz em casas de senhoras amigas. Ele tem uma ferida no estômago, sofre da apendice e tem outras doenças girando todas à volta do estômago.

Da cinta para baixo ninguém lhe pode tocar pois quando lhe tocam, torce-se logo com dores. Ele dorme com um filho e tem que estar sempre à cautela para que não sofra algum pontapé, quando o filho está a dormir. O miúdo é muito fraco e por tal está proibido de ir à escola. Quando corre ou quando faz qualquer esforço recente-se logo e até já tem deitado golfadas de sangue pela boca fora.

Já pedimos a ajuda do nosso Pai Américo para o metermos num Sanatório.

São ao todo quatro pessoas, vivendo todos numa casinha pequenina, mas muito limpinha e bem arranjada, causando o espanto e admiração de todos os que o visitam.

A maior parte dos dias, principalmente à noite deitam-se sem comer pois não têm dinheiro para se alimentar.

Uma das pobres da Rua Escura, uma ceguinha, vive num quartito com a mãe e um filho. A mãe está entevada e ela e o filho estão cegos. Este só de uma vista. Vendem jornais na Batalha quando têm dinheiro para os comprar à redacção. No quarto têm uma cama e uma mesita, no qual não entra luz nem penetra o ar fresco das manhãs, pagando 120\$00 por mês!...

120\$00 por um quarto pequeno sem luz nem ar, senhores... Há pouco disse-nos ela. Veio aqui um chefe da Polícia por causa da esmola que de lá recebemos e ao perguntar-me quanto pagava pelo quarto ficou espantado e disse: Por este quarteco 120\$00! E com esta exclamação foi-se embora. Recebe a pobre 250\$00 todos os meses da polícia, com os quais paga a renda de casa e se alimenta durante o mês.

A última vez que se a visitou estava cla à espera do seu visitador o qual muito admirado lhe perguntou: Que faz aqui à porta da Rua? Ah! Estava à espera do senhor, pois tenho a casa às escuras e estou com um bocado de boroa no estômago. Mais; roupa de cama e de corpo nunca a mudam por não ter outra para a substituir.

E não sabemos nós o que o Barredo @ C.ª, tinham por lá escondido!...

Carlos Veloso da Rocha

S. JOÃO DA MADEIRA Revestiu-se de grande imponência, e constituiu uma sincera manifestação de profundo pesar, a missa celebrada nesta Vila por alma do falecido Presidente Sr. António Oscar de Fragoso Carmona. Esta foi mandada celebrar pelo Município local. O Senhor Dr. Renato Araújo, presidente da Câmara, escreveu uma carta ao Carlos Inácio, a qual pedia a sua presença a este acto religioso. Também a indústria desta Vila se associou ao acto. Algumas das principais fábricas começaram a trabalhar uma hora mais tarde depois da habitual; e consequentemente trabalharam uma a mais. Uma dessas, foi a grande OLIVA. Como os leitores já devem saber nesta grande fábrica trabalhamos lá quatro gaiatos. Quase todo o pessoal com profunda mágoa no coração, se deslocou à igreja a rezar pelo homem que sacrificou a sua vida pela nossa querida Pátria.

Foi pena que nós não tivéssemos assistido à cerimónia toda, e por esse motivo, aqui deixamos ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de S. João da Madeira os nossos reconhecimentos e a nossa máxima desculpa. Nós nas orações rezamos pelo falecido chefe. Assim o façam os outros, o nosso desejo!

PELAS CASAS DO GAIATO

Não podem haver crónicas aqui citadas, que não se fale dos artigos que nos oferecem. Era impossível Para começar temos: 50\$00 de um peregrino que por aqui passou; duas bolas de ping-pong, dum leitor do «Gaiato». Uma revista infantil Brasileira e outra bola de ping-pong americana, oferecidas por uns visitantes de Cantanhede. Um garrafão de charope groselha, oferecido pelo proprietário do café Imperial desta Vila. Este amável senhor disse-nos que quando acabássemos este, para lá irmos buscar mais. Somos pontuais, não faltamos, pode ter a certeza Um bolo oferecido pela Senhora D. Arminda de Casaldelo — que nos soube tão bem! Enfim, além destes artigos temos recebido alteradamente outros de menos valor, mas que são oferecidos com a mesma gentileza, e com a mesma vontade dos outros.

Também quero agradecer a gentileza que a Empresa do Cinema desta, teve por ocasião da nossa festa. Concedeu-nos a casa, e ainda contribuíram com algum dinheiro para a nossa casa. Além disto têm-nos facultado a entrada gratis no Cinema. Muito obrigado e os nossos mais respeitosos e profundos reconhecimentos.

A todos os nossos amáveis Bemfeitores um sincero muito obrigado.

José Maria Saraiva

COIMBRA Mais 50\$00 da Conferência—Mãe das Casas do Gaiato. O Sr. presidente das Conferências do C. A. D. C. muito gentilmente ofereceu-nos para internar no Hospital algum pobre que tenhamos doente.

Os membros da nossa Conferência estão muito gratos ao Sr. Presidente das Conferências do C. A. D. C.

A nossa Conferência vai entrando em franco progresso. Estamos à espera e vamos esperando que alguém nos ajude. Todos os domingos aí vamos nós visitar os nossos pobres. Já todos sabem quais são. Da última vez fui ao Bairro das Latas. Ele é lateiro. Ela trata dos alazeres de casa. Tem cinco filhos e em vésperas de outro. Ele teve um ataque. Ela contorce-se no leito à espera da hora do parto. Tem um filho que de dia trabalha e de noite estuda na Escola Comercial e Industrial. A casa suja. Paredes negras do fumo. Fazem o comer no meio do quarto. Duas camas sem colchão. Não podem ter roupa limpa na cama porque de vez em quando lá cai lixo e água suja do primeiro andar. Quando lá fui da primeira vez, foi comigo o Zé Eduardo. Como ele ia de capa e batina todos os pobres que ali estavam lhe perguntavam: — Sr. Doutor e nós!... Mas nós não podemos socorrer todos de uma vez. Os nossos pobres recebem cada um, uma senha no valor de 10\$00 para mantimentos. De vez em quando também levamos-lhes roupa. Ah se todos os combricenses nos ajudassem!... Mas havemos de marchar para a frente. Havemos de ir à frente.

Têm decorrido os peditórios nesta cidade. Tiveram lugar desta vez na igreja do Seminário e nas Carmelitas. 518\$00 e 550 respectivamente. Na Sé Nova o peditório rendeu-nos 2.400\$00.

As nossas colchas já estão muito pobrezinhas. Algumas já rotas. Têm que ficar durante muito tempo nas camas e sujam-se. Não se podem mudar porque não há outras.

Se alguém nos quiser mandar alguma peçazinha é favor. Desde já lhe ficamos muito gratos.

José Maria Fernandes

PAÇO DE SOUSA No dia em que fomos a Braga, cá na nossa Aldeia ia sendo o fim do mundo.

Eram os batatas a chatear as senhoras, para lhes darem roupa boa. Era o sapateiro que teve de pôr tudo pela porta fora, tal era o barulho. Eram os que iam a a ferroar os que ficavam, estantando quase a haver molho. Era um nunca acabar de desordem. No fim da tarde tudo amainou. Os grandes também pediram ao Pai Américo para irem, pelo que ele deixou, mas com a condição de cada um pagar o seu lugar, na carripina que alugaram. Às 5 horas partimos, indo à frente a camionete da malta do Sejaquim. Atrás ia a carripina dos grandes. O Pai Américo saiu um bocado mais tarde. Em Guimarães tivemos nova paragem, para passear, aproveitando alguns para ir ver o Castelo.

Depois de estar tudo, continuamos a nossa viagem, agora directamente a Braga. A malta do Sejaquim queria ir a cantar, mas ele não deixou, porque depois podiam ficar roucos e então adeus Orfeão. Eram umas 7 e meia quando chegamos a Braga, estando já à nossa espera a Senhora do Mel mai-la Senhora D. Amena e umas outras senhoras. Depois fomos comer ao Internato. A comida era muito boa, comendo todos com muito apetite. Passado o almoço viemos todos passear. Entretanto chegou a hora de irmos pro cinema, que se encontrava cheio. Abriu o programa o Risonho. Em seguida fez-se ouvir o Sejaquim mai-lo seu Orfeão, que esteve à altura da sua fama, dizendo as palmas que lhe deram. Seguiu-se o nosso documentário. Terminando por fim o 2.º acto com discursos e falando por fim o nosso Pai Américo, sendo em seguida delirantemente aplaudido. Tudo ficou contente especialmente por verem o Sr. Padre Américo. No fim, algumas bandejas que andavam a dar a volta, ainda traziam alguma coisa...

As incansáveis senhoras de Braga, arranja-

ram uma farta merenda, para ninguém ficar com fome. Regressamos, chegando a casa por volta das 2 e meia.

Resta agradecer a todos que se interessaram por nós e em especial à Senhora do Mel, Senhora D. Amena e senhores directores do Internato.

A todos os senhores de Braga um muito obrigado dos gaiatos.

No dia 20 defrontamos no nosso campo o Grupo D. de Susão. O nosso grupo apesar de ter feito um jogo muito abaixo das suas possibilidades, conseguiu vencer por 3-2. Os nossos tentos foram marcados: o primeiro por Gari a finalizar um centro da esquerda. O segundo nasceu de uma jogada pessoal de Prata, que depois de driblar toda a defesa rematou imparável o 2.º golo.

O 3.º golo nasceu dum contra-ataque. Centro de Gari para Amadeu, que num toque de cabeça, pleno de vigor, rematou ao ângulo esquerdo, sem defesa possível.

Só a bola é que ainda não veio! Os senhores não se esqueçam de nós...

No domingo, organizado por uns senhores, realizou-se no nosso campo de futebol um torneio de Tiro aos Pratos. Armou-se uma bancada coberta com um toldo, para os espectadores estarem mais à fresquinha. Vieram muitos automóveis, cheios de senhores. O Preto e o Rogério ficaram ao portão a pedir 5\$00 para quem quizesse ver o Tiro aos Pratos, rendendo no fim 160\$00. Os senhores entregaram ao Pai Américo 3.430\$00 do produto do Tiro aos Pratos.

Fernando Marques

MIRANDA DO CORVO No dia 19 de Maio foi celebrada a missa por alma do Senhor Marechal Carmona na igreja Matriz desta vila em que recebemos o primeiro convite de honra para cantarmos a missa dos defuntos; uma missa que nunca tínhamos cantado e que muito nos custou a ensaiar. A missa começou pelas dez horas; no fim toda a gente nos gabava e dava os parabéns de que tínhamos cantado muito bem. Também os senhores da Câmara nos ofereceram um passeio e uma merenda. Tal foi a fama que ganhamos que até já temos mais um convite.

A venda do Famoso desta vez foi regular. Foram à Lousã e a Miranda do Corvo. Os vendedores foram o Joaquim e o Bucha que venderam os dois juntos 87. O Joaquim vendeu 45 e o Bu-

cha 42. Estamos à espera que o tempo melhore e que venha o Verão para que também possamos melhorar a nossa venda do Famoso.

Já temos uma boa ninhada de patinhos que nasceram há pouco tempo, só um ovo é que escapou, de resto todos os ovos deram. Os patinhos são nove e já estão granditos e espertos. Agora só faltam pintainhos e perús. Deus queira que não morra nenhum dos patinhos que nasceram e dos pintainhos que hão-de nascer.

Chegou no dia dez de Maio a hora de mais uma pobre da nossa conferencia. Era uma das mais antigas que tínhamos; era das Miãs. Também há tempos lhe tinha morrido o filho, que era o ceguinho. No dia seguinte foi em nossa casa a missa por sua alma em que assistiram quase todos os confrades e outros dois foram ao funeral para representar a conferencia. Pedimos aos nossos queridos leitores que rezem alguma coisa por sua alma.

Carlos Manuel Trindade

TOJAL Aqui há alguns meses deram-nos uma colecção completa do Sempre Fixe, desde o n.º 1 até ao último.

Visto não ter para nós grande utilidade, e havendo colecionadores que sabem apreciar uma obra destas, perguntamos se alguém a quer comprar.

Pois se a quizerem comprar é virem ao Tojal, que ela está à vossa espera.

No dia onze do corrente, quatro rapazes mais velhos pediram ao Sr. Padre Adriano para os deixar ir à Cova da Iria, assistir às cerimónias ali realizadas.

Tanto insistiram que o Sr. Padre Adriano depois de lhes fazer ver as dificuldades os deixou ir.

Levaram comer suficiente para três dias, e dinheiro para alguma coisa que fosse necessário comprar. No dia doze às duas horas chegaram a Fátima. No domingo de madrugada já aqui estavam apesar de muito cansados.

Três deles estiveram na segunda feira a dormir. Mas o Fala-Barato logo de manhã começou a trabalhar sem cansaço. Ele é um valente.

Como os senhores leitores sabem, o Coroa é que era o nosso padeiro.

Um dia destes deu-lhe na bolha para fugir, não se sabe para onde, e é já a segunda vez que ele faz isto.

Não tarda muito que ele aí apareça cheio de fome e esfarrapado. É bem feito para ver se ele perde a mania de fugir.

Agora escolheu-se outro para o substituir. É o Pé Leve de Lisboa que já está a fazer o pão sózinho e tem muito jeito.

Carlos Alberto Lopes

Isto é a Casa do Gaiato

Eu estive doente. Três dias de cama. Eram papas; papas de mostarda e injeções não sei de quê. Quando adeoço é o maior acontecimento da aldeia; tamanho, que, se um dia, a coisa for grave, eu tenho necessariamente de me ir embora.

O Armando pequeno, foi o enfermeiro das papas por ter feito o mesmo ao Júlio e este ter dado dele ótimas informações. O meu refeitoreiro, à hora do café, trazia sempre um regimento. Ao jantar era o Constantino. Ele tratou-me a caldos de galinha e tais piteus arranjava, que os seus ajudantes da cozinha começaram a dizer que aquilo era tudo graixa, a ver se eu o livro da vida militar. ele vai este ano às sortes. Durante o dia o tempo era pouco para as constantes visitas. Uma foi o Bucha. O Bucha é servente do hospital e veio-me comunicar que os doentes todos tinham estado a rezar por mim Bucha vinha pedir alguma coisa para eles. Os srs. não se admirem do que o Bucha faz; temos de ir ao fim das coisas. Ora o Bucha era pedinte das ruas, aonde cantava por figos e outras coisas mais. Isto explica. Mas há-de vir o tempo em que Bucha veja melhor e mude de pensamento.

Eu tenho querido pregar o Mês de Maria na nossa capela, mas a verdade é que me não tem sido possível. Não tem. Os grilos impedem! Os apaixonados já limpam a nossa mata e agora aos domingos vão por eles extra-muros. Há aqui importantes transacções de grilos por coisas e até grilos por grilos. O Fominhas que está aqui passando dez dias de férias, tem sido o rei dos negociantes pela experiência que já tem; ele é empregado na rua de S.ª Catarina, numa

casa comercial. Pois Fominhas trocou seis sem pernas por um grilo cantador do Batata Nova. E como esta, muitas outras permutas se têm ultimamente realizado aqui. Mas o pior sou eu. Eu é que ás pago todas. Eu gosto muito de alface. Constantino, que conhece e aprecia os meus gostos, tem o cuidado de mandar o Botas à horta e preparar-me todos os dias, a todas as refeições, um delicioso prato de alface com rodas de cebola crua, tudo regado com vinagre e dois olhos de mesa. Foi-se a ver e deu-se por ela..

Eu cá sou um desgraçado. Todos cuidam que sim, e mandam-me coisas para eu lamber, mas quem as lambe não sou eu. São mas é eles. Sou um desgraçado.

As senhoras do Pomar de Santa Catarina, nunca perdem a ocasião de me mandar alguma coisa pelos vendedores da quinzena. Desta vez foi ameixas d'Elvas. O Albertino foi o portador. Abri o pacote e comi uma e não comi mais nenhuma!...

Dias depois, o Zé sem mais nada apareceu cá e trouxe um grande pacote de doces. Recebi o pacote justamente no dia em que cá no leito, por enfermo. Mandei colocar o dito no meu escritório, esquecido totalmente das ameixas... No decurso da doença ia-me lembrando dos doces e ante-goçando uma feliz e deliciosa convalescença... Pois sim

Foi então que eu reuni todos os da Casa Mãe. Estavam o Neca pequeno, o Bravo, o João espanhol, o Albertino, o Zé preta, o Covilhã, o Bernardino, o Récio, o Coimbra e o Macaco de Braga. Disse-lhes do que

(Continua na página seguinte)

DOCTRINA

Tenho aqui sobre a mesa uma carta a dizer que em vez de haver na obra 6 casas, era preferível haver só uma e essa com mil rapazes. A carta aduz razões de economia: *ter menos casas para a despesa ser menos.* E até diz mais. *Para quê casas em diferentes terras? Vaidade apenas.*

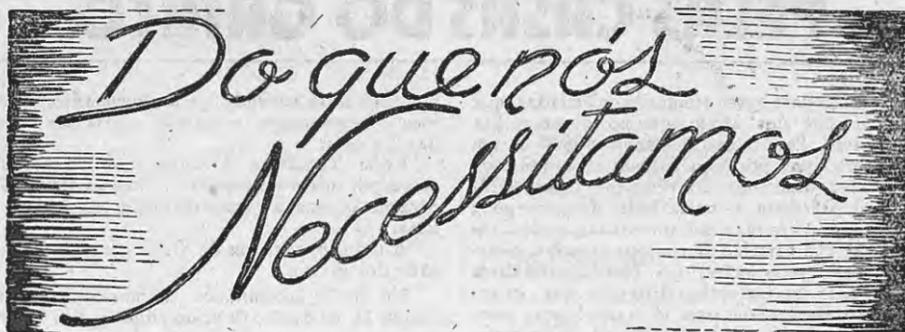
Ora eu aproveito esta carta para elucidar. Têm estado aqui em Paço de Sousa, ultimamente, *comissões de estudo*; as duas últimas eram da Suíça e da França. Só costume responder ao que me perguntam, mas tem graça que todos aqueles senhores me põem o problema do número de rapazes. Eu digo-lhes francamente o que a experiência me tem ensinado: poucos rapazes e muitas «aldeias». Padre Adriano e eu já acordamos em não exceder o número de cem na Casa do Gaiato do Tojal; e se aqui, em Paço de Sousa, aquele número é ultrapassado, foi por um erro de início, que hoje nos é difícil remediar.

Uma coisa é alimentar e outra coisa é educar. Nós poderíamos facilmente instalar e dar de comer a trezentos rapazes da rua, na casa de Paço de Sousa; poderíamos, sim. Mas não educávamos nenhum! Se alguma coisinha fazemos com o elevado número que temos, é por causa do sistema de casas—família, com sua pequenina organização familiar. Doutra sorte, dariamos de comer e de vestir, o que é na verdade muito pouco para quem tem exigências espirituais. Os rapazes têm-nas.

Educar, é dar-se pelo conhecimento íntimo do seu educando. O nome, o número e as fichas do rapaz são um zero em matéria de educação. Eu nunca li fichas de nenhum dos meus rapazes. Nunca li informações. Não falta quem me diga mal dalguns, apontando, até, factos concretos. Eu, porém, oiço em silêncio, guardo tudo no meu peito e espero que o rapaz se revele a mim. Ele é que me há-de dizer tudo. Isto é educar. Isto é o toque espiritual de uma Obra de Assistência a Menores. E isto só é possível com um número deles reduzido. Não nos iludamos com a quantidade. Nem eu teria jamais a força e a coragem de me dar a um tamanho desgaste moral, se visse diante de mim e apenas considerasse o problema da mesa posta e da cama feita. Não. O segredo está no educar; segredo divino!

A própria Nação pouco teria a lucrar com casas de meninos fartos e recolhidos; os homens não se fazem, nem são feitos assim.

vinha acontecendo. Disse-lhes que estava ali um culpado e que todos os mais eram inocentes. Disse-lhes que tinha mandado cortar um vime e que o Constantino vinha lá e que começava de uma banda a oito... Que dava a todos meia hora para meditar e resolver. Que se o culpado, ali presente, tivesse coragem de ver castigar os inocentes, mais bocados teria de comer, porque as contas seriam com Deus e não comigo. E disse e disse e disse. Pois bem. Não foi preciso a meia hora. Ali mesmo o culpado se declarou! Vale bem a pena ter ficado sem ameixas e sem bolos e sem tudo, só para que este rapaz haja tido ocasião de achar a sua consciencia.



MAIS cem escudos para o Barredo. Mais 250 idem. Mais cem da mesma sorte. Mais cem para a Casa do Gaiato. Mais 20 pela primeira vez. Mais 20 de uma promessa. Mais idem de Leiria. Mais outro tanto. Mais idem de uma mulher de Leiria. Mais duzentos escudos de Penafiel em cumprimento duma promessa. Mais 20 pelo quarto mês de casados. Mais 20\$ para um tuberculoso. Diz bem meu senhor, para um. Eles são tantos!... Mais vinte. Mais idem da Covilhã. Mais quarenta escudos para a ajuda do azeite da capela. Mais 100\$00 de Luanda. Mais outro tanto de Lisboa. Mais 100\$00 do Lobito para o Barredo. Mais vinte. Mais 50 de Lisboa. Mais 190\$00 d'os

De como a gente foi a BRAGA

As Senhoras da Comissão encheram-nos a casa. O Senhor Costa que, infelizmente, por doença não pôde assistir ao espectáculo, esse disse a tudo que sim. Os Snrs. do Internato do Liceu foram amabilíssimos, tendo-nos servido o jantar no refeitório e da própria comida dos seus rapazes; os quais, segundo ouvi dizer se apresentaram no Teatro-Circo tendo pago cada um o seu bilhete. Os serventes da casa e os Bombeiros e a Polícia, tudo e todos de borla! Só o Fisco...

A doçaria de S. Vicente mandou três cartuchadas dos seus magníficos doces, que trouxemos no Morris e distribuimos em Paço de Sousa.

Entre a assistência contavam-se numerosos sacerdotes tendo até um deles feito a apresentação dos rapazes. De uma maneira geral, a cidade de Braga estava à nossa espera.

EXCURSÕES

Se fossemos a dizer de todas, não chegavam as colunas do *Famoso*; não chegavam não senhor. Digo só as d'hoje, sábado: O Liceu Feminino do Porto, Rainha Santa Isabel, docentes e discentes. A Escola Normal de Braga, idem, idem. Seminário Maior de Viseu, da mesma sorte. Escolas Primárias de Recarei, também. Calculem os senhores o que não foi este sábado e como era difícil dar aqui voltas, com tanta gente!

Todos se desobrigaram consoante as suas posses e todos, todos, de muito boa vontade. Até ao próximo ano, se Deus quiser.

empregados dos C. T. T. da Estrela. Mais 50\$00. Mais idem. Mais 20. Mais idem para a sua próxima visita ao Barredo. Mais 150\$, de uma mãe contente por o seu filho ter conseguido a bolsa de estudos. Mais 20. Mais esta carta:

Os moradores do Bairro de Casas Económicas de Costa Cabral, do Porto, querendo manifestar por uma iniciativa proveitosa para os desprotegidos, o seu sentimento pela morte do Snr. Marechal Carmona, cotizaram-se, cada um na medida das suas posses e de sua vontade, com pequenos donativos, coneguindo-se com todas as pequenas migalhas, a migalha total de Esc. 1.416\$00, que desde esta data se acha depositada à ordem da «Casa do Gaiato» no Banco Espírito Santo, desta cidade.

Se V. concordasse connosco, essa insignificância, mais intencional, do que de real valor, destinar-se-ia a tapar um buracinho desse crivo imenso da angustiosa tristeza, que é o Barredo.

Mais vinte de Vila Real. *Vianenses estão presentes.* Mais alguns cortes de fazenda da Covilhã. Isto é que nos faz um jeito! Mais quarenta escudos do Porto. Mais 40\$ das Escolas de Caria. Mais 20\$00 de Vila Chã. Mais 20 de uma empregada dos C. T. T.. Eu cá se mandasse nos C. T. T., aumentava o salário dos pequenos e tirava um nadinha ós grandes. Mais cem de Lisboa. Mais de Coruche um sacco de feijão. Mais quarenta do Porto. Mais 50 de Lourenço Marques. Mais roupas de Nampula. Mais roupas da Beira. Mais roupas de Lourenço Marques. Tanto de Moçambique como de Angola as encomendas postais e as cartas com cheques e saudades sucedem-se.

«Um dia virá em que não haverá nem Ministério das Colónias, ou do Ultramar, nem Governos Ultramarinos, nem serviços próprios, porque tudo se passará como agora se passa em Trás-os-Montes, ou no Algarve. A telegrafia e a telefonia sem fios, e porventura a televisão, os aviões, e até os navios, vão cada vez encurtando mais as distâncias; os homens, na sua língua e nos seus costumes, cada vez mais homogêneos; e assim, mercê duma autonomia inicial, teremos realizado uma fusão numa unidade. Pura assimilação.»

Um dia virá, disse, no Porto o Ministro das Colónias. Quanto ao que diz respeito a Obra da Rua, eu digo que esse tempo já veio. Mais 10 contos de Santarém. A maior graça que Deus poderia fazer aos Ribatejanos e às Ribatejanas seria, em vez extensões, dar-lhes, antes, o amor à pobreza.

Só a pobreza é capaz de sentir, de compreender e de dar. Não sei se esta mãe, por morar em Santarém, é de Santarém; se for para bens.

Noticias da conferência da nossa aldeia

O Snr. Maia e o Guilherme já não pertencem ao número dos vivos. Deus levou-os, há dias, para a Sua companhia.

Ambos sofreram; um mais, outro menos consoante as doenças. Mas sofreram como todos os mortais. Foram dois nossos amigos e irmãos. Sim, os pobres, são os nossos amigos.

Pois bem; querem saber? Guilherme a instantes do principio do fim, reclama a presença do seu visitador, de que tanto gostava. Como aquele petiz tinha desejo de amar! Porquê? Era amado. Ele quis há tempos que o nosso Pai Américo lá fosse e foi. Eu estou a ver o seu sorriso que era de facto uma alegria invulgar. Amou, quem o amava.

Gratidão e amizade. É verdade; que alma a daquele jovem purificado pelo sofrimento—quanto ele não sofreu—na sua mortalha! Oh mundo, debruça-te sobre estes teus irmãos e não verás neles o desprezível; aproxima-te da santa pobreza e verás quanta riqueza—não a que brilha ou reluz com as grandezas efémeras do nada—escondida na lama ou na imundície, aguardando Justiça!

O sofrimento daqueles nossos irmãos fez com que Deus tocasse no íntimo dos que nos têm e que não faltassem com o indispensável. Do Porto veio muita coisa! O Porto é como o mar, nunca tem fim! Que assim é, recebemos uma cartinha com 5\$00 do *Bébé n.º 3*. E a bicha do Porto continua com alguém a dizer que, *embora comerciante, sou-o modesto, e com bastantes encargos de família, pelo que tenho de vos auxiliar aos poucos, para não deixar de concorrer a todas as vossas obras e iniciativas*; e com isto, 20\$00. Do Espelho da Moda, 100\$00 e mais 250\$00. De mais alguém 50\$00. Gondomar é lá perto e um Senhor gondomarense mandou 20\$00. De Fornos de Algodres 250\$00. E por fim Vila Viçosa, com 20\$00. E do Alentejo dos montes e das searas; do branco das suas casas, a demonstrar a limpeza da mulher alentejana. Só de longe a longe é possível registar aqui qualquer coisa do meu Alentejo. No entanto, a par da imensidade das suas terras, há outras que quem dera se estendessem para estes lados...

J. M.

Pombas em questão

Estava aqui há tempos, a deitar de comer às minhas pombas e nisto vejo um pombo que não é meu a descer do telhado da nossa casa e pousou junto das outras que estavam a fazer bem à sua barriguinha, e ele por sua vez, fez o mesmo. No final disto, olhou para todas e começou logo a fazer festas a uma delas que por acaso é belga, é única. Não sei como é que eles se compreendiam, um português e uma belga! Tentou logo fugir com ela, e fugiu, mas como eu já o conhecia, porque já lá tinha ido a casa do dono dele, saí pelo portão fora e fui direito a casa do dono, encontrei-o o do dono pombo e perguntei-lhe se já tinha entrado no seu pombo uma pomba estrangeira, respondeu-me se estava a brincar com ele, disse-lhe que não. E ele vai: porque me faz essa pergunta? Porque o seu pombo só gosta de meninas estrangeiras e vai ao meu pombo buscá-las. *Agora compreendo a razão porque o meu pombo já não vem ao pombo há três dias.* Disse-lhe eu logo: pois eu prendi-o. Ah seu maroto; então você prende-me o meu rico pombo que eu já tenho andado a ver se o encontro e você com ele?! Vou eu assim: *prenda-o e diga-lhe para não ir lá mais!* Sim, ele prendeu-o e no dia seguinte soltou-o e ele disse-lhe adeus e que ia ter com a pomba. Por acaso eu estava no quintal e vi-o chegar e ele foi logo ter com a namorada. Daqui por um bocadinho o dono do pombo, lá estava a bater à porta. Foi um dos meus colegas que o atendeu e lhe perguntou o que ele queria. O homem respondeu-lhe muito depressa: *quero falar com o Chico das Pombas.* O rapaz sem saber o que se passava foi-me chamar, perguntei-lhe quem era, ele disse-me que era um homem; subi as escadas, olhei para a porta que dá para a rua, vi logo o dono do pombo, falei com ele, e ao mesmo tempo, ele pediu-me o pombo, eu disse-lhe que ele andava a voar com a moça e com as outras. Ofereci-lhe dinheiro, ele respondeu-me que não vendia e eu mesmo de aborrecido, disse quando ele voltasse para o pombo, que o matava. Pois sim, nunca mais lá voltou. Já o levei a Paço de Sousa, e ele chegou cá em quinze minutos. Agora é meu...

Francisco de Pinho Ferreira